Vida Mundial Ilustrada

ANO I — N.º 20 — 2 DE OUTUBRO DE 1941 — PREÇO: 1 ESC.

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

A MISSÃO DA «MOCIDADE PORTUGUESA», composta pelos srs. cap itão Pinto Sequeira, tenente Reverendo da Conceição e Luiz de Avilez, actualmente de visita a Inglaterra, tem sido convidada a assistir a diferentes exerci cios de gimnástica e de atletismo em diversos colégios. A foto que publicamos mostra uma dessas magníficas recepções num colégio católico. Os colegiais inglêses aparentam um grande interêsse pelos seus visitantes. — (Foto «Britanova»).

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 2 5844

Vida Mundial Ilustrada
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor • Proprietário

o caso da semana

a missão do embaixador Myron Taylor

por Carlos Ferrão

No curto prazo de três semanas, uma personalidade de categoria passou ràpidamente por Lisboa em viagem de ida e volta. O ponto de partida para essa viagem foi a cidade de Nova Iorque; o ponto de chegada, a cidade de Roma. Não são apenas duas metrópoles diferentes na sua configuração, na sua essência, nos hábitos e na vida da sua população. São dois mundos que, separados durante tanto tempo, procuram um ponto de contacto, uma plataforma de entendimento e de compreensão.

O viajante mal se prestou, das duas vezes, à curiosidade de «reporters» e de fotógrafos. Nada tinha efectivamente para dizer que pudesse interessar o grande público. Vinha encarregado duma missão delicada. Todos compreenderiam, fàcilmente, que a sua reserva era mais do que justificada, porque era legítima, Escusou-se delicadamente a fazer declarações, e o seu perfil, naturalmente distinto, escoou-se em frente das objectivas como quem receia ainda ser surpreendido no abismo do seu segrêdo oficial. Como veio, assim voltou silencioso e amabilíssimo.

O sr. Myron Taylor, enviado especial do presidente Roosevelt junto do Papa, conhece a diplomacia e os seus segredos. Não porque a tenha praticado com a subtileza de maquiavelismos interessados ou com a argúcia de dialécticas suspeitas. Mas porque os acasos duma vida distinta, onde as profissões nem sempre são predestinadas, o levaram a representar o seu país junto da capital mais exigente que o sistema de relações internacionais criou: o Vaticano.

Católico praticante, esta qualidade não foi nunca indiferente para a escolha do seu nome. A missão que o chefe da nação americana lhe cometeu há pouco tinha em conta êsse facto. O embaixador Myron Taylor não deixou de o acentuar quando os jornalistas do seu país o tomaram àparte, na altura em que subia para o «Clipper» que havia de o conduzir à Europa, preguntando-lhe qual era a natureza e a finalidade da tarefa de que se incumbira: «Posso apenas dizer-lhes o que tôda a gente deve saber: que o presidente Roosevelt e o Papa Pio XII são os dois símbolos mais altos da nossa civilização».

Antes de partir, a 4 de Setembro, o sr. Myron Taylor avistou-se demoradamente com o presidente, seu grande amigo, e com o sr. Sumner Welles. Êste não é hoje apenas o chefe efectivo da diplomacia norte-americana, enquanto espera que, por direito de conquista, lhe caiba também a direcção nominal do Departamento do Estado. O seu chefe, Cordell Hull, pela sua idade e por virtude duma doença grave que o manteve durante muito tempo afastado dos negócios públicos, perdeu o contacto com alguns assuntos que ocupam o primeiro plano da actualidade internacional.

O seu nome, o seu prestígio político, a sua honorabilidade a que todos prestam calorosamente justiça, constituem ainda um motivo magnífico de influência e de persuasão que o presidente utiliza com a sua tenacidade e a sua habilidade proverbiais. Mas as engrenagens, nem sempre lubrificadas, dos contactos imediatos ou à distância, passaram para as mãos experimentadas do sr. Sumner Welles. Êle é, acima de tudo, o homem que assistiu à conferência do Atlântico. Mesmo quando o telégrafo queria convencer o mundo de que Churchill e Roosevela dialogavam isolados, durante horas seguidas, a sombra do sr. Sumner Welles acompanhava-os na câmara do «Potomac».

Compreende-se, assim, que o embaixador Myron Taylor, um pouco fora dos segredos e dos pormenores de momento, tivesse de conhecer a sua opinião. A sua visita à Europa era uma conseqüência evidente das ideias gerais em que tinham acordado os dois grandes países anglo-saxões. A explicação da

Myron Taylor

visita que o sr. Myron Taylor foi encarregado de fazer ao Chefe da Igreja Católica está nos oito pontos da declaração comum. Liberdade de culto, diz-se nessa declaração. E o presidente Roosevelt, cujo espírito foi formado nos princípios eternos da tolerância e do respeito pelas convicções alheias, dissera-o, logo que a guerra alastrara pela Europa: «Entendo que a primeira condição a que o mundo deve satisfazer, uma vez terminada a luta, é a de que cada um possa ter e possa praticar livremente as suas crenças.»

Mas o sr. Myron Taylor, além de ser o portador dêste princípio de ordem geral, foi o portador duma carta do presidente dos Estados Unidos para o Sumo Pontífice. Que dizia essa carta? Que dizia a resposta que Pio XII quis dar-lhe, depois de se ter avistado por duas vezes com o embaixador especial da república norte-americana? A resposta a estas preguntas encontra-se desvendada pela atitude que a Igreja inalteràvelmente tem procurado manter desde o início do conflito. O seu chefe que é, ao mesmo tempo, o guardião dos seus interêsses e o orientador das suas aspirações, entende que a Igreja Católica deve associar-se a tôdas as tentativas úteis que possam conduzir ao restabelecimento da paz e que não deve associar nem os seus votos nem as suas atitudes à sorte de qualquer dos grupos beligerantes.

A posição de independência em relação às lutas dos homens e às suas ambições temporais, que não pode ignorar mas que não quere distinguir, foi definida na encíclica «Summi Pontificatus» divulgada em 20 de Outubro de 1939, cêrca de mês e meio depois do início das hostilidades!» A hora a que vos chega esta nossa primeira encíclica, é, sob muitos pontos de vista, uma «hora tenebrosum». O espírito da violência e da discórdia lança, sôbre a humanidade, a taça sangrenta de dores sem nome. Preciso, porventura, assegurar-vos que estou junto de todos vós e especialmente junto daqueles que se sentem oprimidos ou perseguidos?» Êste documento oficial dirigido «urbi et orbi», entendia-se, especialmente com a Polónia que acabava de ser vencida, para lhe dizer a sua mágua e a esperança de a ver restaurada: «O sangue de tantos seres humanos ergue um grito de dor, numa nação bem amada, a Polónia, que, pela sua fidelidade à Igreja, pelos seus esforços para a defesa da civilização cristã, tem direito à simpatia humana e fraterna do mundo e espera, confiante na poderosa intervenção de Maria «Auxilium Christianorum», a hora duma ressurreição de acôrdo com os princípios da verdadeira paz.» Em Washington não se esqueceram de estabelecer o paralelismo desta concepção com algumas passagens da declaração comum dos oito pontos.

Como podia deixar de a ter acentuado a carta que o presidente Roosevelt enviou ao Papa? Compreende-se que a atitude do Chefe da Igreja não seja indiferente para o dirigente responsável pela política dum grande país orientado no sentido da guerra. E que julgue, mais que de seu interêsse de seu dever, comunicar-lhe, em documento definitivo para os arquivos da história e para a elucidação das gerações vindouras, as razões profundas, de ordem moral e de ordem espiritual, que o levam a tomar essa atitude.

O presidente, que imprimiu à declaração dos oito pontos o sôpro evangélico que anima as suas passagens essenciais, bem poderia ter recordado o primeiro dos cinco pontos definidos na alocução pontifical do Natal de 1939, para a organização duma paz justa e honrosa: «A vontade de viver de qualquer nação não deve nunca ser invocada como uma sentença de morte para as outras.»

Nos Estados Unidos vivem alguns milhões de católicos. O caso de consciência criado pela possível intervenção do seu país na guerra não pode ser indiferente a um dirigente político que tem a noção das

(Conclue na página 12)

A rainha Guilhermina da Holanda

«A HOLANDA SENTE-SE HOJE MAIS FORTE E INDOMÁVEL DO QUE NUNCA» — disse a Rainha Guilhermina da Holanda, há dias, quando comemorou o seu 61.º aniversário natalício, e ao dirigir-se aos seus subditos, por intermédio da Rádio Orange. Exemplo admirável de tenacidade e patriotismo o desta rainha que, no dia dos seus anos, recebeu dos holandeses, como presente, o dinheiro necessário para a compra dum contra-torpedeiro destinado a substituir o «Jan Van Galen» cuja guarnição se bateu bravamente em Maio do ano passado.

24 Horas da vida dum psiquiatra
o Dr. Luís Cebôla entrevistado para a "Vida Mundial Ilustrada"

Uma reportagem de **Yentil Marques**

O DR. LUIZ CEBOLA entrevistado, no seu consultório, para o nosso jornal.

DEPOIS, há um grito. Um grito apenas. Nem de terror nem de alegria. Um grito sem expressão. Igual à cara do homem... E assim entrámos no outro lado da vida. O doido olha-nos, sem nos ver. Tem os olhos parados. Quando lhe demos os «bons dias», soltou um grito. Mais nada!

O Dr. Luiz Cebola aproxima-se. Sorri para êle... «Que é isso? Que se passa?»... Devagarinho, muito devagarinho, os olhos do homem tomam um pouco de vida. E as suas faces, paradas até há pouco, fazem um esfôrço enorme, visível e criam duas rugas... As rugas crescem, multiplicam-se e acabam numa careta, com pretensões a sorriso. O homem parece um garoto... Um garoto a quem se deu qualquer guloseima. E de súbito, mete o seu braço no braço do doutor e os dois afastam-se, conversando tranqüilamente...

* * *

Ali dentro, no Telhal, o Dr. Luiz Cebola é de facto quási um Deus. A sua afeição pelos doentes, a carinhosa camaradagem que lhes dedica, o muito que sofre pelo sofrimento dêles próprios, deu-lhe a experiência necessária e vivida para os saber compreender...

O manicómio é o outro lado da vida, incontestàvelmente. Vamos encontrar gente irmã da nossa gente, gente que nasceu, que fala, que vibra como nós. Contudo, há uma diferença. Chamam-lhe doidos...

Sempre nos pareceu extraordinária de humanidade a tarefa de um psiquiatra: enfermeiro de almas, auscultador de cérebros. Por isso mesmo, nasceu a ideia desta reportagem...

O Dr. Luiz Cebola não necessita que o apresentemos. A sua carreira brilhantíssima, a consagração dos estudos sôbre Psiquiatria que tem publicado, a popularidade dos seus métodos bons e da ternura especial que nutre pelos que caíram no outro lado da vida, são suficientes para justificar esta curiosidade jornalística de viver 24 horas na intimidade de um maiores psiquiatras europeus. A-pesar da sua modéstia, da sua quási timidez diante da publicidade, o Dr. Luiz Cebola, há muito já, que passou as fronteiras da fama nacional. Alemanha, França, Espanha, conhecem-no.

De manhã, acompanhámo-lo ao Manicómio do Telhal, onde vai fazer a sua costumada visita, como director clínico dêsse estabelecimento.

Só êle podia ter conseguido a satisfação total que a grande maioria dos alienados manifesta abertamente, assim que o vêem...

Um dêles, mal o divisa na cêrca, aparece a correr: «Veja, doutor, hoje sou pote...» E enche as bochechas e põe as mãos nos quadris, a dar-se ares de pote... Mas, como vê uma névoa de tristeza sincera nos olhos do doutor, espanta-se um pouco e acaba por se desculpar: «Não se zangue, senhor doutor... Isto era brincadeira».

É essa a grande verdade! Junto dêle, os doidos esquecem-se mesmo de que estão doidos. Julgam-se em brincadeiras, em diabrices. Reconhecem-se homens, homens como êle, que lhes dá a sua camaradagem e a sua amizade. Por isso, os doidos anseiam pela visita do Dr. Luiz Cebola. É um interregno nas suas vidas. Chegam a passar para o lado de cá...

ENQUANTO O COMBÓIO NÃO CHEGA...

— Que pensa sôbre Freud?

Sentimos uma pausa propositada. Os olhos vivos do nosso companheiro, perdem-se por entre o arvoredo que desfila pelas janelas abertas da carruagem...

— Afora a generalização exagerada de Pan-Sexualismo, Freud e a sua escola contribuíram incontestàvelmente, de maneira notável, para, esclarecendo os domínios obscuros do inconsciente, resolver o magno problema da unidade psico-somática contra a metafísica anímica dos velhos psicólogos da teoria dualista.

Diz isso tudo, calmo, sem timbres diferentes, como se estivesse a ler as palavras no espaço exterior que o combóio vai galgando...

A visita que acabámos de fazer, dá ensejo a que nasça outra pregunta.

— Portugal tem acompanhado os progressos da Psiquiatria?

— Sempre! A prova é que se têm publicado obras curiosas e que se estão usando métodos novos de tratamento de psicose nas suas clínicas. — Olha de frente, para nós: — Compreende: refiro-me apenas aos psiquiatras verdadeiros...

E a terceira pregunta aparece de surprêsa:

— Qual acha que deve ser a atitude dos cientistas perante a guerra de hoje?

— Os que se acham afastados do conflito devem ir preparando em cada sector respectivo os instrumentos da mais rápida reconstrução do mundo em ruínas... até surgir uma outra catástrofe...

Esta frase final é dita com amargura, quási com desespêro. E o Dr. Luiz Cebola, acentua, baixo, tão baixo, que parece falar ùnicamente para êle.

— Ninguém poderá evitar esta horrível fatalidade inerente à própria essência humana: a perturbação cíclica, da sociedade, expressa em guerras ou revoluções. Sei-o, através das minhas análises históricas e investigações psicológicas do indivíduo e da colectividade.

NA ESQUINA, HÁ UMA CASA...

O Dr. Luiz Cebola tem uma vida regrada. Nem excessos nem faltas. Meio termo...

Geralmente, levanta-se cêdo. Ao nascer do dia. Com o sol... Passeia pela quinta, aspirando o ar puro do arvoredo. De seguida, passa ao seu escritório. Duas janelas abertas... Dali vê todo um horizonte de beleza. Êle adora a beleza. A serra, o firmamento, a manhã... Mesmo o Dr. Luiz Cebola também é poeta. Psiquiatra e poeta. Um fazedor de humanidade.

Depois do almoço, o Dr. Luiz Cebola mete-se, mais uma vez, a outra viagem. Agora, até Lisboa...

A CAMINHO DO TELHAL, o sr. dr. Luiz Cebola aproveita a viagem de combóio para ler.

O PRIMEIRO EXAME a um louco vindo da América; à direita, no Museu da Loucura, ao Telhal, examinando objectos de arte trabalhados por psicópatas.

Lisboa. Avenida Almirante Reis. Uma esquina. Na esquina, há uma casa...

A maneira como o Dr. Luiz Cebola recebe os seus doentes, é de facto interessante. Conversa com êle, num tom meigo, atraente, que aos poucos lhes faz nascer uma necessidade de confidências. Esquecem-se de que vieram ao médico. Vêem apenas um amigo, um bom amigo. E são francos, e não ocultam segredos, e dizem tudo o que sentem...

Na sala de consultório, há dois grandes quadros. Neste, um homem e uma mulher. Quási nús. A mulher desprende-se dos braços do homem. Êle quere segurá-la, mas ela é ágil. Qualquer coisa que nos faz lembrar a aspiração, o desejo, a impossibilidade... No outro, uns versos e umas pombas. As pombas não sabemos de quem são. Os versos têm a assinatura de Luiz Cebola. Psiquiatra e poeta.

Sòzinhos de novo, o Dr. Luiz Cebola conta-nos um «caso» pouco freqüente, que êle está a tratar com o maior interêsse. Um parafrénico, com delírio persecutório, alucinações auditivas e metamorfose sexual. Convenceu-se absolutamente que é mulher. A-pesar de casado e pai de dois filhos, revela grande pudor em conviver com os outros doentes e pede que lhe sejam fornecidos trajes femininos. Não há, contudo, inversão sexual. Trata-se sòmente de uma transformação completa de personalidade, por acenestesia...

E os «casos» sucedem-se... Uns anedóticos, dentro da sua tristeza, outros excepcionais, outros ainda quási estranhos pela anomalia que os enche... Mas são tantos, tantos, que desistimos de os apontar...

DOIS HOMENS NA NOITE

E à noite acompanhámos também o Dr. Luiz Cebola. Sem isso, a reportagem não ficaria completa. 24 horas na vida dêle... Vivemo-las, quási tôdas.

Depois do jantar, mete-se pela estrada fora, ao que êle chama o seu passeio higiénico... Faz isto habitualmente tôdas as noites. Contudo, umas vezes por outras vai até ao teatro ou ao cinema, quando as obras são de categoria...

Esta noite, andamos os dois. A estrada é deserta. A noite é linda. Os nossos passos não chegam a fazer barulho. O silêncio é maior do que êles...

Todavia, conversamos. Surgem os mais diferentes temas. Política, literatura, amor... E, por fim, na seqüência lógica e natural, voltamos aos loucos, à Psiquiatria, à vida profissional do Dr. Luiz Cebola...

Uma coisa que desconhecíamos: Em relação a outros países da Europa, o número de alienados em Portugal não ensombra demais as estatísticas oficiais. Registam-se mais homens desequilibrados do que mulheres. E-o maior contingente provém das classes operá-

(Conclue na pág. 12)

EM CIMA — Interrogando um demente epiléptico. **EM BAIXO** — O dr. Luiz Cebola num grupo de doentes, no Telhal.

calçada da glória

SINFONIA DE ABERTURA

O meu amigo Zeferino, integérrimo pai de família e zeloso funcionário público, começou, há tempos, a aborrecer o cigarro, o apetite principiou a faltar-lhe, sentiu-se deprimido, intoxicado, quási não dormia — mesmo na repartição — e, perante a carinhosa insistência da mulher, resolveu ir consultar um médico. O clínico viu-o, examinou-o, auscultou-o, apalpou-o, e acabou por recomendar-lhe vinte dias de águas termais e um repouso o mais bucólico possível. Zeferino contou o caso à mulher; deu balanço à vida; e, para não avolumar as despesas, partiu só. O que foram êsses vinte dias zeferinicos, longe da cidade, entre a verdura, bebendo saúde, sob uma atmosfera de carícia, que o adivinhem, nêste momento, aqueles que não puderam experimentá-lo. De quando em quando, chegava ao seio ansioso da família um colorido e fugídio postal, trazendo a notícia de que Zeferino, tocado por aquele grande céu bemdito e por aquela grande paz venturosa, ia pachorrentamente alastrando. Recuperou o apetite; meteu charuto; deitou côres; sentiu, de novo, o vigor antigo — e quando regressou ontem, vazio de pecúnia mas forte de ânimo, a mulher quási o não conheceu.

— Estás esplêndido, Zeferino. Bem empregado dinheiro!

— Tens razão, mulher. Venho outro.

— Outro?

— Palavra de honra. Outro, outríssimo...

Logo a mulher, atirando-se-lhe, aos beijos:

— Ora ainda bem, que eu já estava farta do primeiro!

BOILEAU

O LIVREIRO Barbin tinha um *chalet* em Ivri, refúgio adorável, mas sem páteo, nem jardim. Um dia Boileau foi convidado para ir ali jantar. Aceitou o convite. Mas finda a refeição, mandou aprontar a carruagem:

— Para onde vai tão depressa? — preguntou Barbin.

— Tomar ar a Paris — respondeu Boileau.

O DR. VORONOFF

SEGUNDO noticiam os jornais, o dr. Voronoff afirmou recentemente que, num futuro próximo, o homem viverá, em regra, cem anos, desde que se enxerte com glândulas de macaco.

Quere dizer: dentro em pouco, a seguir os conselhos do mestre, todos nós morreremos de morte-macaca...

ATRASOS

— QUE horas são?

— Duas. Mas o meu relógio está atrasado dez minutos.

— Também o meu.

— Quanto?

— Três meses... no prego!

UM CONSELHO

QUANDO falarem, falem sempre pausadamente — sobretudo quando não estiverem senhores do assunto de que falam. Falando depressa dizem-se muito mais tolices — com a agravante de se dizerem em muito menos tempo.

UM POETA... E PERA!

Deu sinal a trombeta lusitana,
Em murmúrio doce e licoroso,
Ouviu o monte, Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de vaidoso;
Ouviu o Douro e a terra trastagana
Correu ao mar o Tejo luminoso,
E os pais que tal som divino escutaram
Aos peitos, os filhinhos levantaram.

Gastar palavras em contar extremos
De dias grandes, grandes alvoradas,
Há dêsses gastadores, que sabemos
Maus do tempo, com fábulas sonhadas:
Basta pôr fim ao caso, que entendemos,
E resumir em frases afamadas
Que nasceu um poeta: João Maria
Ferreira, Pêra e Companhia...

(Dos «Lusíadas», Canto XIII)

10 MANDAMENTOS

EIS os dez mandamentos da mulher casada:

1.º — Amar seu marido sôbre todos os outros.
2.º — Não o tratar em vão.
3.º — Guardá-lo das outras mulheres e das pulgas.
4.º — Honrá-lo e penteá-lo.
5.º — Não lhe fazer cócegas para o não matar.
6.º — Guardá-lo de má-vizinhança.
7.º — Não lhe furtar senão beijos.
8.º — Não lhe levantar a voz sem testemunhas.
9.º — Não desejar o marido da próxima.
10.º — Não cubiçar os jóias e os vestidos alheios.

O HÁBITO

O que custa a largar na vida não é a natureza esplêndida, as ideias grandes e belas, a luta ou as paixões: é o que fazemos todos os dias — é o hábito.

A GOTA

ANTÓNIO José de Almeida sofria imenso de gôta. Experimentou vários tratamentos. Um dia aconselharam-lhe banhos do mar. António José de Almeida comentou:

— Que faz uma gôta a mais no oceano!

POETA

NUMA das noites luarentas dêste Setembro que há pouco passou, ouvi um petiz de 6 anos, dizer debruçado nas águas dormentes dum lago:

— Caiu a lua na água!

Ou me enganarei muito, ou nesse petiz vive um poeta!

DISTRAÇÕES

O visconde de X... é a pessoa mais distraída do mundo. Ontem um conhecido, preguntou-lhe no Estoril:

— Como tem passado?

— Esplêndidamente.

— E a senhora viscondessa?

— Bem, muito obrigado... e sempre ao seu dispôr...

ANGELA

— TÔDAS as mulheres são fracas e tu és como tôdas as mulheres. — dizia uma tarde Ferreira da Silva a Angela Pinto.

— Fraca, eu? Ainda agora comi um bife com batatas!

O MESTRE

CERTO titular, que em tempos fôra barbeiro em Coimbra, e que mais tarde versejou tôscamente, encontrou certa ocasião Guerra Junqueiro. Mal o viu, exclamou com enfase:

— Como está, mestre?

Logo Junqueiro sorrindo:

— Freguês, freguês...

RECORTES

NUM número antigo dos *Serões* recortámos esta nota — que tem talvez oportunidade internacional: «Como o público tanto gosta de luta, ali tem o Coliseu com os seus hércules japoneses que tôdas as noites são, ora ruìdosamente aclamados, ora estrepitosamente pateados, segundo a lealdade ou a má-fé com que procedem».

O RETRATO

QUANDO um dos últimos govêrnos de D. Carlos se lembrou de mandar cunhar aquelas moedas enormes de dez tostões, o Rei achou-as bonitas mas muito grandes.

O marquês de Alvito, numa irreverência:

— A engordar dessa maneira, onde queria V. M. que o metessem?

JUNQUEIRO

O admirável poeta dos *Simples* quando vinha a Lisboa, hospedava-se no *Central*. O fato que vestia era sempre velho, mas dizia invariàvelmente apontando o charuto:

— É isto que me liga ao Diabo!

Luiz d'Oliveira Guimarães

JOSEFINA BAKER vai aparecer numa revista lisboeta

(Foto Jorge Garcia)

OS JORNAIS TÊM FALADO do desejo de Josefina Baker vir trabalhar, de novo, em Lisboa. A estrêla do corpo de ébano não esquece a cidade que lhe deu, em carinho e amizade, o confôrto de que ela necessitava, depois das tormentosas viagens do após-guerra. Diz-se que ela será vedeta duma revista a montar num teatro popular. Trata-se, ao que parece, de mais uma vitória do grande embaixador de sorrisos que é Erico Braga. Nesta página, damos uma foto de Josefina tirada em Lisboa, quando da sua última passagem por aqui. Num quarto de hotel, a «estrêla» faz meia...

as primeiras chuvas do OUTONO

COM OS PRIMEIROS DIAS DE OUTONO, chegaram as primeiras chuvas. A cidade do sol sofreu, em meia dúzia de dias, os rigores da invernia.

RUAS E PRAÇAS quási se despovoaram. E a chuva e a lama fizeram esquecer as praias e o campo. Mas o sol de Outono não tardou a reaparecer...

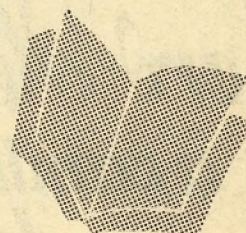
Vida PORTUGUESA

PARA TRATAREM DO PRÓXIMO ACTO ELEITORAL, reüniram-se na sala do Conselho do Estado do Ministério do Interior, sob a presidência do titular desta pasta a comissão executiva da União Nacional, os governadores civis e os presidentes das comissões distritais daquêle organismo.

NO LICEU MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — Algumas das alunas que, há dias, prestaram provas de exame, da segunda época, durante a resolução dos problemas apresentados.

O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA, com o sr. ministro da Educação Nacional, quando da entrega solene do primeiro exemplar do livro único para o ensino primário.

EM CAISCAIS, vai ser inaugurado brevemente o novo hospital dos Condes de Castro Guimarães. Na foto, vê-se um aspecto geral exterior do novo e modelar estabelecimento sanitário.

(Fotos feitas com películas «Ferrânia»)

Lord Halifax a caminho da América

Vida Mundial Ilustrada

LORD HALIFAX, embaixador da Grã-Bretanha nos Estados Unidos da América do Norte, esteve agora em Lisboa, de regresso ao seu pôsto, tendo sido recebido pelos srs. Presidentes da República e do Conselho e gozado entre nós alguns dias de repouso. O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra e vice-rei da India aparece-nos nesta página, ao lado de Sir Ronald Campbell, embaixador britânico em Portugal, numa foto de Armando Serôdio, feita para o nosso jornal.

Sir Samuel Hoare esteve em Lisboa

Vida MUNDIAL Ilustrada

SIR SAMUEL HOARE, embaixador da Grã-Bretanha em Madrid, deixou fotografar-se especialmente para a «Vida Mundial Ilustrada», no terraço da embaixada inglesa, quando da sua recente passagem por Lisboa, a caminho de Londres.

A missão do embaixador MIRON TAYLOR

(Conclusão da página 2)

suas responsabilidades. O próprio gesto político que se traduz pelo envio dum embaixador especial junto do Vaticano tem um significado a que êsses católicos não ficarão, decerto, indiferentes.

Tudo isto são motivos de ordem geral evidente que explicam a carta do presidente Roosevelt e a resposta que ela teve. Se êsses motivos coincidiram com outras circunstâncias particulares, estas não invalidam a fôrça das primeiras. O embaixador Myron Taylor, posto ao corrente do estado actual das negociações diplomáticas em que o seu país toma parte, aproveitou a sua viagem para se avistar, em Barcelona, com os representantes dos Estados Unidos em Vichy e em Madrid. É natural que a sorte do ocidente europeu e a sua situação actual não sejam indiferentes nem para o presidente nem para os seus mais próximos colaboradores.

A curiosidade pública, exigente nos Estados Unidos, quis uma explicação mais ampla da missão do embaixador Myron Taylor. O «New York Times» forneceu-lha com a seguinte versão das conversações que o diplomata norte-americano teve com o Papa e com o secretário de Estado, Cardial Maglione:

«O Sumo Pontífice respondeu com uma negativa atenciosa ao pedido do presidente para fazer uma declaração em que a guerra contra o nazismo fôsse considerada uma luta justa. Fundamentalmente seria uma inhabilidade do Papa tomar qualquer partido e, sob o ponto de vista doutrinal, um acto inconveniente considerar justa esta ou aquela guerra.

Os círculos do Vaticano afirmam que o pedido do presidente era feito numa longa carta, na qual prometia que o Govêrno dos Estados Unidos faria todo o possível para conseguir que, uma vez terminada a guerra, fôsse considerada devidamente a questão da liberdade religiosa na Rússia. A carta continha, além disso, referências extremamente calorosas à acção desenvolvida pelo Papa a favor da paz e ao respeito que essa acção continua a merecer a todos os americanos. A resposta contém igualmente referências expressivas de Sua Santidade para todo o povo norte-americano, um agradecimente pessoal ao presidente pelas suas atenções — a expressão do reconhecimento pontifical pela promessa de que os Estados Unidos procurarão influenciar a orientação da política russa quanto à liberdade religiosa na U. R. S. S.. Mas a recusa quanto a tomar partido no conflito actual é duma firmeza absoluta.»

Foi esta versão do «New York Times» que provocou uma declaração oficiosa publicada no «Osservatore Romano», redigida nos seguintes termos: «Não é exacto que o Papa tenha dado uma resposta negativa ao pedido do presidente Roosevelt para dizer que a guerra contra o nazismo é uma guerra justa. Estamos autorizados a declarar que nunca foi feito êsse pedido e que, portanto, a notícia que dá conta dêle carece de fundamento.» Trata-se dum pormenor que provocou versões opostas. Quanto ao essencial das cartas deriva dos pontos de vista pùblicamente afirmados pelos seus signatários e não oferece margem para dúvidas.

24 Horas NA VIDA DUM PSIQUIATRA

(continuação da pág. 5)

rios, sobretudo dos indivíduos que trabalham junto de focos de calor, como forjas e fornalhas. Em segundo lugar, aparecem os militares, nas afecções centrais, de origem sifilítica...

De seguida, abordamos o problema da arte entre os doidos. O Dr. Luiz Cebola narra-nos episódios curiosos passados no Telhal. De quando em quando surgem mesmo centelhos de génio.

* * *

O passeio higiénico termina por volta das 11 horas, mais ou menos. Despedimo-nos de vez do Dr. Luiz Cebola. Sabemos já que êle agora vai ler ainda um bocado, antes de adormecer. Nada de estudos. A leitura da noite, é puramente literário. Prosa ou poesia. Poesia ou prosa. Mas que seja boa!

* * *

Enfermeiro de almas, psiquiatra e poeta. Nasceu para amar a humanidade... 24 horas na vida dêle são 24 horas na vida de um Homem!

Colónia de férias da Mocidade Portuguesa Feminina

A MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA teve, êste ano, a sua colónia de férias em Sintra, no Palácio Gandarinha, onde as filiadas daquela organização patriótica passaram horas de grande alegria, de verdadeiro encantamento. À esquerda, a fachada do edifício onde se instalou a colónia. Em cima, um aspecto da sala de jantar, durante uma das refeições das raparigas.

EM CIMA, à esquerda — Raparigas da M. P. treinando-se no «basket-ball», no parque da casa. À direita, em cima — Como se passaram as tardes na colónia, lendo e cosendo; em baixo, as raparigas executando bailes regionais.

Os alemães na campanha da RÚSSIA

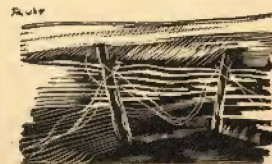
O GENERAL VON BRAUCHITSCH conversando com os soldados dum batalhão alemão em operações na nova frente da Ucrânia oriental.

UM REGIMENTO DE CAVALARIA ALEMÃ — arma que, nesta guerra, fêz agora o seu aparecimento na campanha da Rússia — avança para um posto que lhe foi confiado e passa por material de guerra apreendido às tropas soviéticas.

MAGNÍFICO INSTANTÂNEO DA ACTIVIDADE DA GUARNIÇÃO DUMA PEÇA «ANTI-TANK» que faz fogo na região de Slobim. De notar, a atitude do ajudante do artelheiro e a posição do soldado que, à direita, tapa os ouvidos para evitar os efeitos da deslocação do ar.

SOLDADOS DA INFANTARIA ALEMÃ lançam-se ao ataque, através dum campo cultivado, num sector da Ucrânia.

UMA FOTO RECENTE DA GUERRA. Soldados da infantaria alemã efectuam operações de limpeza numa aldeia russa conquistada pelas fôrças do Reich no sector de Kiev.

EM BAIXO: O aspecto desolador da cidade de Dorpat, cheia de maravilhas arquitectónicas, depois de destruída pelas fôrças soviéticas, na iminência do avanço alemão sôbre a cidade.

EM BAIXO — À esquerda: Um aspecto da entrada das tropas alemãs em Tallin (Reval), capital da Estónia, que estava ocupada pelas tropas russas. À direita: Tropas de assalto alemãs atravessando um rio em carros blindados. À frente, estende-se uma região pantanosa, onde foram lançadas tropas do Reich transportadas para ali de avião.

O que sei do que vi na Exposição do Mundo Português

4

TESTE ORGANIZADO POR F. DE CARVALHO HENRIQUES

«Vida Mundial Ilustrado» apresenta hoje a 4.ª e última série de exercícios que compõem um teste pelo qual pode o leitor obter uma indicação quanto ao poder da sua atenção e à precisão da sua memória.

Compõe-se de quinze exercícios.

Uns são formados por frases incompletas, apresentando-se para cada uma cinco maneiras diferentes de a completar. Contudo, apenas uma destas alternativas é verdadeira, quere dizer, entre as cinco maneiras diferentes de completar cada frase, só uma a torna exacta.

Por exemplo: **O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era**

1. O tratado de Tordesilhas.
2. O Foral de Lisboa.
3. A Crónica de D. João I.
4. O Testamento de D. Afonso I.
5. O Missal de Lorvão.

A alternativa escolhida é a marcada com o n.º 2, ficando a frase exacta como segue:

O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era o Foral de Lisboa.

Os restantes exercícios são constituídos por outras tantas fotografias para as quais há que escolher as respectivas legendas que se encontram entre as palavras ou frases apresentadas com êsse fim.

O leitor terá, pois, de marcar na Tabela das Respostas, à frente do número indicativo de cada frase incompleta ou de cada fotografia o número do final de frase ou de legenda que considera verdadeira. No fundo da página dão-se quatro Tabelas de Respostas para serem preenchidas por outras tantas pessoas, depois de separadas pelos traços.

Uma vez preenchida a Tabela das Respostas, confrontá-la-á o leitor com a Tabela Padrão, da página 19, marcando com uma cruz as frases que não completou ou completou erradamente e as fotografias que não identificou ou identificou com inexactidão.

O resultado final será dado pela diferença entre quinze e o número de erros indicados pelas cruzes, visto que, por erros, se contam tanto as inexactidões como as faltas.

Doze exercícios exactos representam um resultado muito satisfatório.

PAVILHÃO DE LISBOA E ÇASA DE SANTO ANTÓNIO

1. Uma autêntica peça de museu admirava-se no Vestíbulo do Pavilhão de Lisboa:

   1. O vitral de S. Jorge.
   2. A argola do Aqueduto das Águas Livres.
   3. A grade da Sé.
   4. O sacrário da Igreja de S. Vicente.
   5. O sino da Penha de França.

2. O corvo aparecia nalguns dos painéis que decoravam

   1. O Vestíbulo.
   2. A Sala de S. Vicente.
   3. A Sala de Pitoresco.
   4. A Sala do Futuro.
   5. A Sala Castilho.

3. Um par de grandes trípticos dum colorido inesperado evocavam

   1. A partida de Vasco da Gama para a Índia.
   2. A evolução da Cidade através dos séculos.
   3. A construção da Casa da Índia.
   4. A Procissão do Corpo de Deus.
   5. Feitos de armas para a posse de Lisboa.

4. Em determinada sala, o pensamento do visitante era levado para um extraordinário fenómeno geológico ocorrido em Portugal no século XVIII, ao deparar com

   1. O padrão da Cidade com a náu e os dois corvos.
   2. A reconstituïção das tendas e bazares da Ribeira Velha.
   3. O quadro do Marquês de Pombal, por Lupi.
   4. O autêntico Cruzeiro de S. Lázaro.
   5. A miniatura do Túnel do Rossio.

5. A relíquia exposta no Museu de Santo António era constituída por

   1. Pedaço de madeira de um catre.
   2. Uma partícula de ôsso.
   3. Um fragmento de hábito.
   4. Um cordão de escapulário.
   5. Um pedaço de sandália.

AS IMAGENS DA EXPOSIÇÃO

Escolher entre as legendas seguintes aquelas que identificam as fotografias de estátuas, imagens e quadros, marcadas de 6 a 15.

1. O Chefe.
2. O Desejado.
3. O Eloqüente.
4. O Grande Épico.
5. O Lidador.
6. O Magriço.
7. O Mestre dos Templários.
8. O Padroeiro de Portugal.
9. O «Sem Pavor».
10. O Padroeiro de Lisboa.
11. O Povoador.
12. O Príncipe Perfeito.
13. O Mestre de Aviz.
14. O Santo Condestável.
15. O Taumaturgo.

Respostas			Respostas			Respostas			Respostas		
1.........	6.........	11.........	1.........	6.........	11.........	1.........	6.........	11.........	1.........	6.........	11.........
2.........	7.........	12.........	2.........	7.........	12.........	2.........	7.........	12.........	2.........	7.........	12.........
3.........	8.........	13.........	3.........	8.........	13.........	3.........	8.........	13.........	3.........	8.........	13.........
4.........	9.........	14.........	4.........	9.........	14.........	4.........	9.........	14.........	4.........	9.........	14.........
5.........	10.........	15.........	5.........	10.........	15.........	5.........	10.........	15.........	5.........	10.........	15.........

LENINEGRADO a cidade sitiada

LENINEGRADO, A SEGUNDA CIDADE DA RÚSSIA, agora cercada pelas tropas alemãs e finlandesas, é uma verdadeira praça de guerra, mercê das grandes fortificações que desafiam o inimigo. A velha S. Petersburgo, que foi já capital dos Czares, é, no entanto, cidade de grande beleza e magníficos panoramas como se verifica nesta foto. Nela se vê a grande avenida Nevsky, com os sumptuosos edifícios do Almirantado. Ao fundo, a fortaleza e catedral de S. Pedro e S. Paulo.

OUTRO ASPECTO DA CIDADE DE LENINEGRADO tirado duma fortaleza do golfo da Finlândia, evidenciando as ruas do bairro central. No primeiro plano, os edifícios do Palácio de Inverno e do Instituto Radiológico. À direita, junto da ponte, os edifícios da Universidade, da Bôlsa e da Alfândega.

Panorama Internacional

Entre Washington e o Mar Negro

por Francisco Velloso

guerra e a situação internacional, como se previa, entraram na última quinzena em fervedouro e aceleramento.

A campanha alemã na Rússia absorveu todos os esforços dos aliados e dos alemães. A sua linha de fôrça parte dos Estados Unidos e, em dois ramos, passa um por Londres, outro por Teherão. Assim, o que ocorre em Washington rebate em Moscovo. Tôda a América Latina alinha com a do norte. As neutralidades estremecem.

O NERVO DA GUERRA

WILLKIE

O último discurso ou declaração de Roosevelt tem repercussões de cada vez maiores, e não é provável que cessem em progressão. É indubitável que a opinião pública norte-americana acompanha em quási unanimidade o presidente. Há uma oposição em ligação directa com os alemães, até dentro do Senado, e que tem como centro de propulsão e irradiação o organismo chamado, «América, Primeiro», adrêde forjado para isso mesmo, mas não é menos certo que as suas influências — e sobretudo a de Lindberg — decrescem. Acabamos de ler uma carta de um português há anos residente nos Estados Unidos, e admiràvelmente situado e independente, com pormenores curiosos a tal respeito que deixam prever escândalos (que aliás se revelarão também noutros países), assás semelhantes aos que rebentaram na outra guerra, e dos quais já existem amostras no que está a passar-se na Argentina e noutras nações da América do Sul

Senadores isolacionistas viraram já de atitude. Willkie reforçou Roosevelt: «Ninguém pode dizer que isto envolverá os Estados Unidos na guerra, mas tôdas as pessoas de bom senso sabem que, se o Presidente fôsse menos firme, seria inevitável uma guerra desastrosa.»

O aceleramento da produção de guerra apresenta-se assim percentualmente descrito por John Biggers no dia 12: «A intensificação foi elevada a um ângulo de 30 ao quadrado mês a mês. Dentro dos próximos três meses, o ritmo da aceleração aumentará, para muitos artigos de importância vital de 30° para 60°. Esta aceleração aplica-se principalmetne a «tanks», canhões e pólvora. Os Estados Unidos atravessaram um longo período de preparação ,transformando fábricas e construindo outras. No corrente mês, e nos dois próximos meses, teremos a primeira colheita de todos êsses esforços preliminares.»

Por sua vez, o almirante Stirling descobria o seguinte:

«Provàvelmetne centenas de navios de guerra do Estados Unidos já estão cumprindo as ordens do Presidente. Os círculos bem informados daqui (Washington) calculam que pelo menos 300 navios americanos, não contando aviões, já se encontram ocupados na tarefa de proteger não só os navios americanos, mas também os que, arvorando qualquer bandeira, se ocupam do comércio nas nossas águas de defesa.»

FRENTE A FRENTE

KNOX

Os acontecimentos vieram ao encontro da resolução presidencial. A 13, Roosevelt participava ao Conselho de Ministros o afundamento do «Montana», vapor norte-americano, *entre a Islândia e a Groelândia*, demonstração inequívoca de que o almirante Raeder age nas águas de protecção dos Estados Unidos. E o almirante Andrews, que comanda o distrito naval de Nova Iorque, ao discursar nesse mesmo dia, anunciava que «o tiroteio começará muito em breve no Atlântico». Não andava êle, por certo, na ignorância de que na véspera a esquadra inglêsa afundara um submarino inimigo *perto da Islândia*. No dia 15 (a simples enunciação dos factos mostra vivamente a marcha precípite das coisas), Knox, o já famoso e audaz Secretário de Estado da Marinha, afirmava numa reünião da Convenção Americana em Wisconsin que «a partir do dia seguinte, 16, a marinha de guerra dos Estados Unidos protegeria todos os carregamentos que digam respeito à lei de empréstimo e arrendamento atravessando o mar do continente americano e águas adjacentes à Islândia», e que haviam sido dadas ordens à Armada para capturar ou destruir «todos os corsários das potências do *Eixo*, de superfície ou submersíveis, .enocntrados nessas águas». E Knox acrescentou: «Isto é a nossa resposta à declaração de Hitler que tentará afundar todos os navios que passem em frente dos seus canhões em viagem dos Estados Unidos para os portos da Grã-Bretanha».

O almirante Raeder receberia o trôco?

Ora nesse mesmo dia, surgia a notícia de que corsários ou corsário alemão estava afundando navios *junto do Canal do Panamá*, no Pacífico, e a esquadra recebia ordens do distrito naval de Balboa para atacar imediatamente êsses navios. Roosevelt tinha, pois, razão em asseverar aos jornalistas que a Lei de Neutralidade tem de ser imediatamente revista. O último passo para a guerra, ao soar, não deve tardar muito do primeiro tiro de canhão.

As posições bélicas dos novos contendores definiram-se claramente.

A GRANDE CARTADA

ROOSEVELT

Com efeito, a evolução das coisas não tardou a rodar no sentido de um nítido agravamento da situação. Quando, no dia 23, a imprensa norte-americasa deu vulto ao afundamento do «Pinkstar» nas costas da Groelândia, já estava posta a questão primordial da revogação daquela Lei, supremo baluarte dos isolacionistas, travão que durante dois anos êles lograram manter contra a política de Roosevel. Já de Berlim dizem que a revogação não se fará a bem, e decerto conhecem os elementos com que contam. O Presidente, no entanto, afirmava naquele dia que não hesitaria em forçar as decisões necessárias para levar por diante essa medida, ferindo logo a lei com o armamento dos barcos mercantes, para o que se abonou com os poderes de Wilson em 1917. E Knox, ao lançar-se ao mar o novo grande couraçado «Massachussets», apostadamente reclamou a revogação imediata do famoso diploma e sem perda de tempo.

A ressaca alemã contra estas atitudes frontais do Presidente traduziu a a imprensa — por conseguinte como reflexo da Wilhelmstrasse — numa forte explosão. O menos que chamou a Roosevelt foi pirata. O órgão da chancelaria não tomou, porém, o caso como surpreendente, e devolveu a Washington a responsabilidade da iniciativa dos encontros navais entre as duas esquadras beligerantes, por demais havidos como inevitáveis. Do outro lado dos Alpes o porta-voz do *Duce*, Virginio Gaida, no *Giornale d'Italia*, acrescentava que as declarações de Roosevelt não deixavam às unidades de guerra do *Eixo* outra alternativa do que a de atacarem os barcos de guerra norte-americanos, logo que os vejam. E como se vê, cumprem já a ordem à risca. Situação esclarecida.

O NÓ GORDIO

BEAVERBROOK

É evidente que se esta formidável campanha dá rebate nos Estados Unidos, é porque da intensificação da produção norte-americana depende o resultado da campanha da Rússia. A questão dos fornecimentos pela Pérsia (onde a abdicação do Xá Palevi em seu filho e a reforma constitucional resolveram a pendência e quebraram as últimas resistências) ou por Murmansk, enquanto os gelos o não impedem, torna-se vital à resistência russa. O *Times* previdentemente admite admite que a pressão alemão afrouxe no inverno, embora o estado maior esteja muito bem preparado para os rigores da estação, mas sob a condição de que os russos se agüentem até lá e de que os abastecimentos sejam dados a Timochenko para um prazo longo, provàvelmente até à próxima primavera. Não tem outro fim a conferência que decorre actualmente em Moscovo. O rebaixamento ofensivo da ala esquerda dos russos até ao Mar Negro torna-os urgentes.

Maisky, o embaixador russo em Londres, secundando as recomendações de Beaverbrook ao partir para essa conferência, lançou um apêlo público aos operários britânicos, pedindo mais *tanks*, cada vez mais *tanks*. Centenas de aviões inglêses voaram para os aeródromos moscovitas. Mas não basta. O crítico diplomático do *Observer*, Garvin, reportando-se às atrás citadas declarações de John Biggers, coordenador oficial da produção inglêsa e americana, e reconhecendo o formidável acervo dos fornecimentos até hoje enviados pela América do Norte para a Grã-Bretanha, declarava rotundamente que é impossível «vislumbrar sequer a vitória, enquanto não fôr duplicada ou triplicada a proporção da capacidade da produção da indústria de guerra dos Estados Unidos». E quando um dia as cifras se alinharem em tôda a sua revelação, o mundo quedará pasmo diante de tão ingente e nunca igualado esfôrço. Não é alarmante a situação russa. Mas a resistência, nos meses que vêm, depende — como a possibilidade de uma ofensiva, sempre de contar — das forjas norte-americanas e de que a marinha de guerra dos Estados Unidos, mesmo com risco da guerra estalar a tiro de um momento para outro, garanta os combóios para a Inglaterra, para Murmansk e para a Pérsia, estes últimos através do Atlântico, e cortando entre a Islândia, Dakar e Cuba, o grande triângulo dentro do qual estão os Açores, a Madeira, as Canárias e Cabo Verde.

Eis o problema. Eis o nó gordio.

NO MAR NEGRO

BRAUCHITSCH

Desdobrando-se uma carta do leste europeu, encontra-se à primeira vista a linha por onde Hitler busca essa solução. É sabido como o estado maior alemão é mestre nestas largas manobras, o caso torna-se tão possível como evidente.

O Mar Negro tem uma plataforma central: a península da Crimeia. De lá, com os poderosos meios de ataque de que dispõe, Hitler pode lançar os seus assaltos ao Cáucaso petrolífero, tentando cortar o corredor aberto desde a Pérsia aos abastecimentos da Rússia pelos aliados. E pode igualmente procurar apoderar-se das margens turcas do Mar Negro. A marcha das colunas do baixo Dnieper não leva outra mira.

Para tanto, carece, porém, de bases navais. As romenas sofreram rudíssimos estragos pela aviação russa. Restam as da Bulgária, país pràticamente ocupado pela Alemanha. Varna e Burgas servem à maravilha para dali partirem submarinos e vedetas, trazidos por terra, a fim-de domarem, com a aviação, o grosso da esquadra russa que se aglomera nos portos militares e tem no Mar de Azov, precisamente às margens da Crimeia, formidável base. Carece também de que a Turquia, por enquanto, e para mais oprimida à entrada dos Estreitos pela ocupação das ilhas pelos alemães e italianos, assista quieta ao drama.

O almirante Raeder descera a Sofia. Lá se encontrou com êle Von Brauchistch e ambos travaram conferências com o rei Boris e o govêrno. Molotov, a 11, protestara contra as atitudes anti-moscovitas da Bulgária, relembrando o seu anterior protesto quando ela cedeu passagem às colunas alemãs de von Litz que foram assaltar a Grécia. A resposta de Sofia, a 17, negava tais intenções. O dr. Clodius, no entanto, entretinha em Ankara negociações comerciais (e o hábil técnico é sempre vanguarda de ofensiva diplomática e guerreira) cobrindo uma pressão de Berlim sôbre Sarad Joglu, exigindo a passagem livre dos Estreitos, e secundando um pedido de Sofia no mesmo sentido para o trânsito de contratorpedeiros que dizia comprados à Itália. A pressão não deu resultado porque a Turquia fincou-se no cumprimento da Convenção de Montreux, alegando a sua não beligerância, e reforçou as fronteiras da Trácia. Desde então, os acontecimentos na Bulgária recrudesceram de tempestuosidade. A pretexto de agitações no país foram chamadas reservas. A 20 decretava-se o estado de emergência.

A 22, anunciava-se uma conferência do rei Boris com Hitler, logo, porém, desmentida. E a interrogação ficou no ar. O rei Boris temia o alastramento das agitações, assaltos e *sabotages* no interior do país, onde os sentimentos russófilos são tradicionais? No dia 25 corria o boato de um ultimato alemão em Sofia que também poderia cohonestar a sujeição do govêrno, um pouco como aconteceu na Dinamarca...

E a quinzena fecha com a perspectiva do novo golpe alemão no Mar Negro, novo teatro de uma luta que agravará a já temível situação em todos os países balcânicos, e fará dilatar a guerra quando os horizontes embruscados dêste outono deixam antever na Europa o maior rigor da crise económica e os perigos de uma crise social muito pior.

TABELA PADRÃO

Do «Teste» da pág. 16

1	3	9	5
2	2	10	2
3	5	11	4
4	3	12	12
5	1	13	10
6	1	14	14
7	7	15	9
8	15		

Vida Mundial Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. Africa: 12 meses (48 números) — 60$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da Trav. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.° Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

A ABERTURA DA CAÇA

Por Stuart Carvalhais

— Então sempre vais à caça? Com um dia dêstes...

— Não posso deixar de ir. Compreendes... Estão os amigos à minha espera... Não é que me agrade muito a viagem. É muito longe, lá para a Estarreja, e tenho que dormir hoje lá... Mas não posso faltar.

— Como é que conseguiste livrar-te da tua mulher?

— Ora, disse-lhe que vinha para a caça... E não lhe menti... Vim à caça duma linda codorniz... Amanhã, de manhã, apareço lá com duas perdizes — e ela ainda por cima me agradece o jantar melhorado!...

— Ó tiazinha, quanto quere vocemecê por estas duas perdizes?

— Isto é uma perfeição de animal, meu senhor. São trinta escudos.

— Trinta escudos!? Muito caras me ficam a mim estas idas à caça! Bem, venha lá isso... Não há outro remédio!

— Ah! grande maroto! Como é que tu caçaste essas perdizes, se deixaste ficar a espingarda em casa?!

— Ai, a minha cabeça! Por isso eu andava à caça, e, de cada vez que dava um tiro, dizia com os meus botões: Tenho a impressão de que me esqueci de qualquer coisa...

tropas norueguesas
preparam-se na Escócia para um novo combate

Vida MUNDIAL Ilustrada

O MAJOR GENERAL FLESSCHER, comandante-chefe das tropas norueguesas, em instrução na Escócia, passa revista a um regimento de cavalaria ali aquartelado. Acompanha-o o tenente-general Carrington. O exército formado por noruegueses refugiados é já uma fôrça militar considerável, cuja acção em operações futuras não será para desprezar. Ao mesmo tempo, no Canadá, prepara-se a formação de esquadrilhas aéreas norueguesas, sob o comando do capitão Mac Leod.